

O Mundo está perigoso

por Mário Soares

1. O mundo está cada vez mais perigoso, como dizia o meu saudoso amigo Victor Cunha Rego. Mas de então para cá – e já lá vão uns anos – as crises, violências, incertezas quanto ao rumo e irresponsabilidade dos dirigentes ocidentais, têm vindo a agravar-se, aceleradamente.

Não vou repetir o que tenho, regularmente, escrito, como matéria de análise e reflexão sobre os acontecimentos no Diário de Notícias e em conferências que faço, em Portugal e no estrangeiro. A crise é múltipla, extremamente complexa e está a tornar-se planetária. O FMI, ultra-prudente, não deixou de referir que nos dois próximos anos não devemos esperar nada de bom. Tanto no plano financeiro como económico: desemprego, inflação, desequilíbrio das moedas, principalmente do dólar em relação ao euro, falta de confiança dos investidores, deficit orçamental dos Estados Unidos, a atingir níveis nunca vistos, etc. Ora, tudo isso, para ter um princípio de resolução, terá previamente que ser mudado o sistema neo-liberal, responsável pela desregulação da globalização, pela falência de bancos e empresas e, ao mesmo tempo, pelo impressionante aumento da pobreza e das desigualdades sociais. Em todos os Continentes. Mas não só: também por causa do que o Prof. Sami Nair chama “o alcance geopolítico da crise” (El País, 22 do corrente).

Com efeito, a ilusão hegemónica do unilateralismo americano está a desfazer-se inexoravelmente. Potência militar, ainda sem paralelo, a América do Norte, no plano financeiro, económico e geo-estratégico, está perante o regresso do multi-lateralismo em força, com a autonomia crescente dos chamados países emergentes e de diversas Regiões, ricas em energia, minerais ou produtos alimentares, que estão a criar um novo dinamismo económico. Relativamente à Ibero América, por exemplo, está a viver uma revolução democrática, pacífica e anti-imperialista inédita. Ora, a menos que haja uma mudança rápida das políticas e comportamentos, a América do Norte entrará em irremediável decadência. E, ao mesmo tempo, assiste-se na União Europeia, a uma inexplicável paralisia e falta de liderança...

2. O Próximo Oriente, onde começou o descalabro político americano, com pretextos falsos, que levou à invasão do Iraque, para combater (no sítio errado) o terrorismo, hoje está em plena crise. As lutas entre curdos, chiitas e sunitas têm-se agravado irremediavelmente. E o Iraque, como antigo Estado laico (e também “tampão”, em relação ao Irão) não se vê como possa recuperar, nos próximos anos...

Antes, com a aquiescência da ONU – e o envolvimento da NATO – sempre com o pretexto de combater o terrorismo, tinha-se cometido outro erro gravíssimo: a invasão do Afeganistão. Seis anos depois, tudo se complicou e nada se resolveu. A NATO, metida num beco sem saída, ineficaz na luta contra o terrorismo, está a tornar-se um imbróglio sem sentido. Os franceses, vítimas, há

poucos dias, de uma dezena de mortos fora os feridos, que metam, finalmente, a mão na consciência e se perguntem: para quê? Mas não só os franceses...

3. O Paquistão – depois da demissão, há poucos dias, do Presidente Musharraf, “amigo”, que sempre me pareceu muito ambíguo, dos americanos – e, com o consequente afastamento das Forças Armadas das decisões políticas, mergulhou num estado de convulsão e incerteza. E em certas regiões fronteiriças como o Afeganistão, os talibãs mandam e parece terem criado um verdadeiro santuário para a al-Qaeda. A desconfiança reinante entre o Afeganistão, o Paquistão e a Índia, dos quais os últimos dois detêm bombas atómicas, está a transformar a Região num autêntico barril de pólvora.

4. O conflito Israelo-Palestiniano não cessa de se agravar. Ao contrário do que seria sensato, tanto para a América como para a Europa. Israel, auxiliado a fundo pelos Estados Unidos, está a tornar-se numa vítima dos seus amigos e aliados. Não só o conflito com a Palestina se tem agravado, sem remédio, como a agressividade israelita tem reforçado o campo extremista palestino (Hamas) e destruiu, com a infeliz invasão do Líbano, um país plural que poderia ser um elemento moderador na Região.

Não esqueçamos que Israel tem a bomba atómica e, espicaçado pelos Estados Unidos, não é de excluir – espero que não! – que se lance noutra aventura, desta vez contra o Irão... Seria um verdadeiro salto para o abismo...

5. Na Geórgia, na zona sensível do Cáucaso e do Cáspio, abriu-se outra frente perigosa. Encorajado pelos americanos – e uma vez mais pela NATO – o insensato presidente da Geórgia resolveu intervir militarmente na Ossétia, provocando mortos e estragos. Foi uma provocação feita à Rússia: mais uma, após o Kosovo, os mísseis instalados nos países do Leste (hoje membros da NATO) e dirigidos contra a Rússia. Esta reagiu com prontidão, brutalidade e eficácia. Putin preveniu que “a Rússia era uma grande potência, económica, política e militar, e como tal deve ser respeitada”. Não era preciso tê-lo dito. Gorbachev, num artigo no New York Times, disse, com razão e bom senso, que “a Geórgia era a crise que a Rússia não queria”. E, advertiu: “que se não deve isolar a Rússia”. Mas a tensão continua.

6. Entretanto, Barak Obama escolheu como seu Vice o senador democrata Joseph Biden. Foi uma excelente escolha. O nervosismo que as eleições presidenciais estão a provocar, na Administração Bush e entre os neo-cons republicanos, talvez explique as provocações e os erros graves que têm cometido, arrastando com eles a União Europeia. Espero que os dirigentes europeus percebam – enfim! - que têm de mudar de caminho... Para bem deles e de todos nós.

Vau, 25 de Agosto de 2008